EDITORIAL

A Exemplaridade da Tradição[1]

Judith MARTINS-COSTA[2]

Ao pensar que palavras poderia eu vos dizer na inauguração da Revista Res Severa Verum Gaudium, acorreram-me dois caminhos, expressos, o primeiro, na força evocativa dos lugares, e, o segundo, na exemplaridade da tradição. É, realmente, muito significativo estarmos reunidos nessa biblioteca – antes, quase um cemitério, agora, o mais mais vivo lugar da Faculdade – para comemorar o lançamento de uma Revista acadêmica, mas deixo de seguir por essa via, já excelentemente lembrada pelos que me antecederam, o presidente do CAAR, Bruno Irion Coletto, o Vice-Presidente e idealizador da Revista, Bruno Rodrigues da Silva, e a bibliotecária-chefe, Celina Leite Miranda. Escolho o segundo caminho, conjugando duas tradições que aqui hoje se encontram, uma delas traduzida pela polaridade entre os modelos acadêmicos instaurados, historicamente, pelas universidades de Bolonha e de Paris; a outra sendo metaforizada pelo culturalismo da Escola de Recife e de sua exponencial personagem, o grande Tobias Barreto.

A inauguração de uma revista científica pensada e executada exclusivamente pelos estudantes de graduação da Faculdade faz-me lembrar, primeiramente, a dupla matriz que, no Medievo, marcou a trajetória das faculdades de Direito pelos tempos afora, matrizadas por Bolonha, a primeira, e Paris, logo em seguida. Bolonha significa uma concepção ascendente do poder, isto é: uma universidade feita pelos estudantes; Paris, ao revés, traduz uma concepção descendente do poder, vale dizer: a universidade feita pelos professores. Foi instigado pelos estudantes de Bolonha que o imperador Frederico I, o Barba Roxa concedeu-lhes, em 1155 um importante privilégio: o de serem protegidos contra represálias que os perturbavam em seus estudos, sendo essa lei imperial considerada o marco fundador da universidade como instituição.

Muitos e muitos séculos depois, tivemos, nós brasileiros, também uma modelagem dúplice – muito própria e original - em nossas primeiras faculdades, Olinda/Recife e São Paulo. Esta última foi uma faculdade de Direito vocacionada ao Direito Público e ao poder

---

[1] Discurso de inauguração da Revista Res Severa Verum Gaudium – Centro Acadêmico André da Rocha – Faculdade de Direito – 9 de setembro de 2009.

[2] Professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde leciona Direito Civil e Direito e Literatura, e professora doutora e livre-docente pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRGS. Membro do Conselho Editorial da Revista Res Severa Verum Gaudium

político, tendo resultado em publicistas como Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente, e em políticos que no século XIX (e não só), comandaram esse país; diferentemente, Recife foi a sementeira da concepção culturalista, marcando uma equação na qual o pólo "sociedade" tem um peso ponderável: mais que imposto pelo Poder Político o Direito é, para essa concepção, produto cultural, consistente na complexa objetivação das necessidades e das percepções sociais tramadas no trânsito das mentalidades que se cruzam e entrecruzam nas variadas temporalidades da História.

Dessa tradição somos diretamente descendentes: os nossos pais fundadores de lá vieram com seus livros, muitos dos quais guardados nas prateleiras dessa biblioteca; não por acaso esse Centro Acadêmico tem o nome de André da Rocha, nosso primeiro Diretor, egresso de Recife; não por acaso, também, outra agremiação estudantil aqui sediada no passado teve o nome de Tobias Barreto.

Esses nomes, essas palavras, são os sons evocativos daquele "revoar de idéias" - como disse Sylvio Romero – que, por volta de 1862, tomou Recife e não deixou nada passar em branco, movimentando os domínios da poesia, da literatura, da crítica e do direito e que, seguindo os trancos e barrancos da História, acabou, no século XX, por desaguar, em uma de suas vertentes, no culturalismo de Miguel Reale estando hoje estampado nas Linhas de Pesquida da nossa Pós-Graduação.

Tobias Barreto foi o vórtice daquele furacão que veio abalar (como percebeu Clovis Bevilaqua, ao traçar, em 1927, a história da sua Faculdade) a "quietude da mentalidade despreocupada dos graves problemas da ciência, da filosofia e da política". É que Tobias marcou a chegada à Academia de uma compostura diversa, metaforizada pelas "mangas de camisa" do famoso Discurso que teve a coragem de tudo dessacralizar. Aluno reprovado na defesa da tese de doutoramento em que declarou a "morte da metafísica" não se acanhou em chamar a banca examinadora de "corja de ignorantes"; num ambiente dominado pelo idealismo e pela Escolástica, repetiu, mil vezes, não ser o Direito um "filho do céu", mas um produto cultural da humanidade. Essas suas atitudes marcaram, nas palavras de Clóvis Bevilaqua, um "divisor de águas" entre as velhas e hegemônicas ideias católicas e tomistas e a liberdade do pensar autônomo, fundando a distinção entre a "antiga" e a "nova" concepção do Direito, formatada, essa última, no "pensar com audácia", no pensar por si mesmo, de modo "emancipado das autoridades e dos cânones", como referiu Gláucio Veiga. Tobias foi, ainda, o primeiro jurista a "pensar a rua" neste País onde até hoje, nas Faculdades de Direito, os problemas do Brasil real custam a entrar. Como aluno e como professor ele foi, assim, uma especie de aríete que começou a fraturar, ainda que em pequeníssimas frestas, a rigidez da ordem estamental radiografada com exemplar acuidade,

muito depois, por Raymundo Faoro (um aluno dessa nossa Faculdade portoalegrense filha de Recife), seja nos estudos publicados na Revista Quixote - antecessora da Res Severa que hoje é lançada – seja ao escrever, recém formado em Direito, aquela que é a obra decisiva na virada de nossa historiografia, Os Donos do Poder, livro fundador de um novo jeito de interpretarmos a nós próprios.

São nesses traços tênues, mas, ainda assim, vigorosos como sugestão, que percebo a exemplaridade da tradição: atuando - como na marca de Bolonha - no papel de autores e atores (e não passivos espectadores) na resolução de tantos problemas desta Faculdade; remexendo, tal qual Tobias, "a quietude das mentalidades" que amortece o pensar autônomo; criando, como Faoro e seus colegas, uma revista que é puro produto da inquietação intelectual, vocês, queridos estudantes, tramam, ousada e criativamente, os fios de uma bela história e re-filiam Porto Alegre a Bolonha e a Recife. Meus parabéns a todos e muito sucesso para a nova Revista!